

O MUSEU COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

THE MUSEUM AS A FIELD OF WORK FOR THE PEDAGOGUE

Renata do Nascimento de Souza

Universidade Federal Fluminense/RJ, Niterói, Brasil

rsouza@id.uff.br | orcid.org/0009-0007-9696-2288

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados de pesquisa acadêmica sobre a atuação dos pedagogos em museus. O museu é compreendido como um espaço de educação e, portanto, um espaço de atuação de pedagogos. Em 2011, uma publicação do IBRAM, denominada Museus em números identificou a presença de 406 pedagogos atuando em museus brasileiros. Assim, a partir de entrevistas realizadas com cinco pedagogos de diferentes instituições museais da cidade do Rio de Janeiro foi sistematizado o trabalho do pedagogo em museus e as contribuições do curso de Pedagogia para a sua atuação. Os pedagogos entrevistados ocupavam-se, principalmente, da atividade de planejamento e avaliação das ações educativas. Desta forma, os conhecimentos abordados pelo curso de Pedagogia contribuirão para a atuação profissional dos pedagogos.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia; atuação profissional; pedagogo; museu.

THE MUSEUM AS A FIELD OF WORK FOR THE PEDAGOGUE

Abstract

This article presents the results of academic research on the role of educators in museums. The museum is understood as a space for education and therefore a field of work for educators. In 2011, a publication by IBRAM, titled Museums in Numbers, identified 406 educators working in Brazilian museums. Based on interviews conducted with five educators from different museum institutions in the city of Rio de Janeiro, the work of educators in museums and the contributions of the Pedagogy course to their work were systematized. The interviewed educators were primarily involved in the planning and evaluation of educational activities. Thus, the knowledge covered in the Pedagogy course contributed to the professional practice of educators.

Keywords: Education course; professional acting; pedagogue; museum.

EL MUSEO COMO ESPACIO DE ACTUACIÓN DEL PEDAGOGO

Resumen

El presente artículo presenta los resultados de una investigación académica sobre la labor de los pedagogos en los museos. El museo se entiende como un espacio de educación y, por lo tanto, un ámbito de trabajo para los pedagogos. En 2011, una publicación del IBRAM titulada "Museus em números" identificó la presencia de 406 pedagogos trabajando en

A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



museus brasileiros. Assim, a partir de entrevistas realizadas com cinco pedagogos de diferentes instituições museísticas na cidade de Rio de Janeiro, se sistematizou o trabalho do pedagogo em museus e as contribuições do curso de Pedagogia a seu desempenho. Os pedagogos entrevistados ocupavam principalmente a planificação e avaliação das ações educativas. De este modo, os conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia contribuíram para a prática profissional dos pedagogos.

Palavras chave: Curso de Pedagogia; exercício profissional; pedagogo; museu.

Introdução

A questão da atuação do pedagogo em espaços não formais de educação me inquietava desde os tempos da minha graduação em Pedagogia. Onde seria possível atuar ao concluir o curso de Pedagogia? O que significa espaços não formais de educação? As incertezas eram muitas. Ao ingressar no mercado de trabalho, como pedagoga, essas incertezas continuaram a fazer parte da minha rotina de trabalho.

Diante dessas incertezas, no mestrado acadêmico, realizei uma pesquisa que buscou desvendar o trabalho do pedagogo em espaços não escolares, especificamente nas instituições museais¹. Algumas das questões que nortearam a minha investigação foram: Quais atividades o pedagogo realiza no museu? Há especificidades na atuação do pedagogo no museu? O pedagogo pode contribuir para o desenvolvimento das atividades do museu? A formação inicial em Pedagogia é suficiente para a atuação desse profissional? Como é a inserção do pedagogo nas instituições museais? Qual é o papel do pedagogo no museu?

Acreditando que o diálogo com os pedagogos atuantes em museus poderia me ajudar a compreender as questões apresentadas na pesquisa, realizei entrevistas com cinco profissionais que atuavam em museus com diferentes tipos de acervos (Antropologia e Etnografia, Arqueologia, Artes Visuais, Ciências Naturais e História Natural, Ciência e Tecnologia, História, Imagem e Som), em instituições públicas e privadas, em algumas regiões da

¹ O relatório final da pesquisa intitula-se “O pedagogo e os espaços não escolares: a atuação nos museus” (SOUZA, 2016) e foi fruto da defesa do Mestrado em Educação realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

cidade do Rio de Janeiro (Centro, na Zona Sul e na Zona Norte). A maioria dos entrevistados era do sexo feminino, sendo quatro mulheres e um homem.

A escolha da entrevista como instrumento de coleta de dados foi decorrente do desejo de ouvir esses atores e conhecer, através das suas falas, a inserção do pedagogo nas instituições museais. Durante a realização da pesquisa, me surpreendeu a receptividade positiva dos pedagogos entrevistados e os comentários sobre o quanto tinha sido importante participar da pesquisa, porque proporcionou um momento para que eles pensassem na própria história e atuação profissional, promovendo uma reflexão sobre a atuação/formação/conhecimento na área de educação museal.

Segundo ROLLEMBERG (2013, p. 40), “a situação de entrevista vem oportunizar e facilitar a reflexão e a discussão sobre essas práticas [práticas sociais de construção de significados e de (re)construção de nossas identidades], sobre quem somos e o que fazemos”. Ou seja, a partir do exercício de narração das suas experiências, os entrevistados puderam retomar e refletir sobre suas trajetórias e construir de maneira mais sistemática o seu próprio conhecimento sobre a atuação e o papel do pedagogo nos museus.

1. Há pedagogos atuando nos museus?

Uma publicação do IBRAM, denominada *Museus em Números* (IBRAM, 2011), destacou a expressiva presença de pedagogos no corpo técnico das equipes das instituições museais do Brasil. Os museus que responderam ao Cadastro Nacional Museal (CNM) contavam com 406 pedagogos. Em relação ao corpo técnico, apenas outros quatro profissionais superavam este número: os bibliotecários (424), os historiadores (859 profissionais), os museólogos (477) e os conservadores (440). Na cidade do Rio de Janeiro, um questionário aplicado, em 2015, pelo GPEMCI² aos museus e centros culturais da cidade revelou a presença de 18 instituições, no universo de 85 respondentes, que contavam

² Grupo de Pesquisa em Educação, Museus, Cultura e Infância do Departamento de Educação da PUC-Rio, coordenado pela Professora Cristina Carvalho.

com pedagogos atuando em seus espaços. Logo, o museu tem sido um espaço de atuação do pedagogo.

Os pedagogos atuam majoritariamente nos setores educativos dos museus. Segundo dados do IBRAM (2011), 56% das 715 instituições nacionais com setor educativo possuem pedagogos atuando. Das 18 instituições que responderam ao questionário do GEPEMCI, a maioria afirmou que o pedagogo atua nos setores educativos, a exceção são as instituições que não possuem o setor educativo em sua estrutura organizacional. Isto é, parece haver um consenso que, sendo o pedagogo o profissional que se ocupa das questões educativas, sua atuação está restrita ao setor responsável pelas ações educacionais.

A despeito da presença de pedagogos em museus e do crescimento dos setores educativos nas instituições museais, foi interessante observar que os participantes da minha pesquisa não haviam vislumbrando o museu como espaço de atuação. A inserção no espaço museal foi uma casualidade da trajetória profissional, os entrevistados não tinham como expectativa atuar nessas instituições, sendo assim, o ingresso neste campo de trabalho não foi subsequente à conclusão do curso de graduação, representando o espaço escolar e a docência a primeira experiência profissional da maioria dos entrevistados. Outras pesquisas (AQUINO, 2011; FREITAS, 2012) também identificaram que a inserção do pedagogo em espaços não escolares geralmente acontece de maneira não planejada e decorre de uma busca por novos horizontes profissionais. Ao longo da trajetória profissional, os pedagogos acabaram identificando uma possibilidade de atuação em outros espaços, como é possível verificar nas falas abaixo.

Pedagogo 1: Ela [uma amiga] me disse da possibilidade, que tinha uma demanda aqui no Museu por pedagogos. Que existiam vários departamentos onde eles tinham interesse na atuação de pedagogos. E aí, eu comecei a me interessar porque era muito mais voltado para a minha área de formação.

Pedagogo 2: Eu já tinha trabalhado em creche, isso tudo que eu te falei. E aí, estava muito feliz, mas chegou um momento (...) eu me sentia não crescendo mais. (...) eu estava me sentindo assim... já tinha dominado aquele conteúdo, a própria escola

tradicional que eu nunca tinha trabalhado (...), mas já estava achando que estava se repetindo, todo ano a mesma coisa (...). E aí, uma amiga minha que me conhecia há muito tempo falou – olha, a instituição X está precisando... tem um pessoal lá que está montando o museu, está precisando de uma pedagoga, vai lá . Aí eu fui lá, fiz a entrevista e fui aceita (...).

Fonte: Depoimentos coletados durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

2. As atividades desenvolvidas pelos pedagogos nos museus

As atividades desempenhadas pelos pedagogos nas instituições museais podem ser descritas em três eixos principais: (1) atuação na relação escola-museu; (2) formação e acompanhamento dos mediadores, além da própria tarefa de mediação; (3) planejamento e avaliação das atividades desenvolvidas pelos setores educativos.

A relação escola e museu foi um ponto que apareceu de modo contundente nas falas dos entrevistados quando se referiam às atividades desempenhadas. O público escolar foi mencionado nas cinco entrevistas realizadas e era função do pedagogo acompanhar estes grupos, planejar ações educativas para este público e promover o diálogo com o professor, como é possível verificar nas falas abaixo.

Pedagogo 1: Hoje em dia, eu faço parte do grupo de visitação programada que   o grupo que   voltado para... desenvolver atividade voltada para as escolas.

Pedagogo 3: Nós cadastramos as escolas, agendamos um dia, vamos apanh -las com veículo próprio nosso, um ônibus próprio, um micro- nibus. Para fazer a visita o mediada aqui com nossos mediadores.

Fonte: Depoimentos coletados durante pesquisa de campo sobre a atua o de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Por que seria fun o do pedagogo dinamizar essa rela o entre o museu e o público escolar? Uma análise preliminar me leva a pensar que   porque a escola sempre foi o lócus de atua o do pedagogo. Esse profissional conhece o corpo discente da escola básica, o currículo, a estrutura de funcionamento etc. O conhecimento do universo escolar pelo pedagogo certamente pode contribuir para a promo o das atividades para o público em questão. Contudo,

a atuação dos pedagogos junto ao público escolar parece estar mais relacionada ao fato deste ser o público mais significativo/quantitativo dos setores educacionais dos museus (LOPES, 1991; MARANDINO, 2001; KÖPTCKE, 2002; CARVALHO, 2005a; NASCIMENTO, 2013). Sendo assim, é natural que o público escolar seja mencionado de maneira recorrente nos discursos dos profissionais que atuam em setores educativos museais.

Os pedagogos também eram responsáveis pela relação entre os setores educativos e os professores. Dois entrevistados mencionaram atividades distintas com esse público. Um dos museus, com a tipologia de Museu de Ciências Naturais e História Natural, realizava empréstimos aos professores dos itens de coleções sobre o tema, organizadas para fins didáticos. O pedagogo era responsável por dinamizar os empréstimos, manter o diálogo com os professores que utilizavam coleções e avaliar esse uso, tendo como objetivo aprimorar esse acervo do ponto de vista pedagógico.

Pedagogo 1: Eu fico mais por essa parte pedagógica mesmo que é o contato com o professor, receber esse professor, dinamizar o procedimento de empréstimo. [...], a gente tem sempre esse olhar: o setor educativo, principalmente as pedagogas, esse olhar de servir o professor nesse sentido, de apoiar o trabalho pedagógico, o trabalho em sala de aula. E não só em sala de aula, o trabalho mesmo com a coleção, pensando o material mesmo, o material de apoio, material pedagógico.

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Outro profissional por mim entrevistado mencionou o trabalho de formação dos professores que acompanhavam os grupos de estudantes durante as visitas realizadas na instituição. Esclareceu que a tarefa do pedagogo consistia em apresentar a proposta pedagógica do museu, caracterizando um pouco como o museu e o entrevistado identificam o papel educativo dos museus e a tentativa de afastamento da proposta de escolarização dos museus, mesmo com o atendimento ao público escolar.

Pedagogo 2: (...) aqui também a gente tem o encontro com o professor (...) para ele vir antes de vir fazer a visita com os alunos (...) A gente conversa com os professores,

apresenta a proposta pedagógica e fala sobre... é... fazer dessa visita um momento de descoberta, de fasci... esse fascínio.

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Nascimento (2013), ao realizar uma investigação sobre a relação museu e escola em seis museus da região metropolitana de Belo Horizonte/Minas Gerais, identificou a preocupação das instituições participantes quanto à formação dos professores no que se refere à visita dos alunos aos museus, ressaltando que a interlocução entre o setor educativo e os professores apresenta-se como uma das questões da relação museu e escola.

Os museus estudados, de uma maneira geral, mostraram identificar a importância do professor nas visitas escolares, revelando iniciativas para transformar o professor de coadjuvante à protagonista da cena educativa. Nesse sentido, o professor pode ser desde o responsável pela escolha do percurso de visita, quanto assumir o papel de orientador dos seus alunos em determinados momentos. A mediação em sua relação de transformação de significado é a mais presente no discurso dos museus investigados em sua interação com os professores. (NASCIMENTO, 2013, p. 189).

Entretanto, a relação dos profissionais de museus com os professores nem sempre se apresenta de modo tranquilo. Carvalho (2007) constatou, em sua pesquisa sobre visitas escolares a um centro cultural da cidade do Rio de Janeiro, esse aspecto, pois a relação entre a equipe do setor educativo e os docentes às vezes é conflituosa. Segundo a autora, os monitores costumavam demonstrar insatisfação quando, por exemplo, o professor interferia na mediação apresentando como raros os momentos em que os monitores reconheciam e valorizavam as contribuições dos professores.

O outro eixo de atividades realizadas pelos pedagogos entrevistados refere-se aos cursos de formação de monitores. Nas quatro instituições participantes, encontrei dois perfis de mediadores: estudantes do ensino médio e da graduação de diversos cursos e funcionários do museu, formados em diversas áreas do conhecimento. Cabe destacar que a presença de estagiários

do curso de graduação em Pedagogia é uma exceção segundo a fala dos entrevistados, sendo mencionados apenas dois exemplos de estagiários deste curso. No relato dos pedagogos entrevistados, os estudantes de Pedagogia procuram esporadicamente o museu como espaço para realização de estágio, enquanto alunos dos cursos de História, Artes Visuais, Turismo etc. é a grande maioria nessas instituições.

Em pesquisa sobre a visita de grupos escolares a um centro cultural, Carvalho (2005a, 2010) também não identificou a presença de monitores da área de Pedagogia. A autora destaca que a área de Artes era priorizada e a Pedagogia pouco valorizada, embora ao longo da pesquisa os participantes passassem a identificar a necessidade de uma discussão a respeito de aspectos pedagógicos das visitas, apontando o quanto seria importante a relação dos monitores com a área de educação (CARVALHO, 2010).

Com a realização das entrevistas com os pedagogos, foi possível constatar que nas duas instituições onde a mediação é realizada por estudantes, o acompanhamento dos mediadores fica a cargo do pedagogo, bem como o desenvolvimento dos cursos de formação.

Pedagogo 4: E a gente avalia, começa a acompanhar e avaliar como ele está indo (o mediador), até que ele é liberado pra fazer a mediação, ele sozinho. Mas a gente continua, porque eles fazem registro das visitas, a gente pergunta como é que foi, eles são avaliados pelos professores. (...) E, de vez em quando, a gente anda com eles, a gente vai acompanhar uma mediação dessa, observando como ele está mediando pra fazer os ajustes.

Pedagogo 1: os cursos de formação, eles também são uma atribuição do pedagogo participar.

Fonte: Depoimentos coletados durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

A tarefa de acompanhar a trajetória formativa dos estagiários nessas instituições era uma atribuição do pedagogo, sobretudo porque a formação desses mediadores pressupõe uma preocupação com o aprendizado do público visitante, o respeito à diversidade desse público e a proposta de tornar o museu um espaço convidativo e instigante para o visitante.

A atividade de mediação das visitas era realizada por três pedagogos dos cinco entrevistados. Dois deles consideravam ser essa uma importante estratégia de aproximação com o público, possibilitando compreender as limitações das atividades programadas e, assim, ter a possibilidade de propor atividades educativas mais adequadas.

Pedagogo 2: Então, além da pesquisa, você também atua na mediação. Então, além dessa pesquisa que eu faço que é para formação de mediadores em espaços não formais, (...) eu faço visita com o público, que é um público espontâneo de final de semana, muitas crianças.

Pesquisadora: (...) a sua pesquisa é na área de mediação...

Pedagogo 2: mediação, de formar mediadores. Então, eu acho que é fundamental que eu faça visita também, que eu fique no papel de mediador. [grifos meus].

Pedagogo 5: (...) mas eu acho que quando você se afasta, se eu ficasse sempre aqui, eu não fosse para o salão [fazer a mediação], eu acho que acaba que você congela a sua visão. Eu acho que você estar em contato direto com os educandos tanto na escola quanto no museu é fundamental. Eu acho isso fundamental, porque o que mais tem é gente que inventa coisa e quer que o outro faça, mas que de verdade ele não sabe que fazer é esse. Então, a pessoa fica muito afastada, aí ela fica meio cega, ela tem uma visão meio 'embotada' do processo, que é uma visão que é teórica, eu acho. Por mais que você observe o outro fazer, se você não está fazendo, você não vai experimentar a dificuldade que foi, a dificuldade que não foi ou a limitação do espaço, é... a limitação de com quem você está trabalhando, da obra, aqui no caso, então eu acho muito importante. [

Fonte: Depoimentos coletados durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016). [grifos meus].

A fala de outro pedagogo me levou a refletir o quanto a atividade de mediação das visitas é também uma atividade pedagógica. Se o planejamento e a avaliação são atividades inerentes ao fazer pedagógico, o magistério também o é. E no museu a prática do ensino tem acontecido principalmente através das visitas mediadas, porém essas visitas não deveriam ser a única estratégia educativa do museu, principalmente quando se pensa a instituição museal como um espaço educativo em si. A forma de exposição do acervo e a estrutura física do espaço, por exemplo, já estão relacionadas à função educativa dos museus. Entretanto, a mediação das visitas, principalmente quando realizadas por pedagogos, pode ser uma importante estratégia para potencializar a

aprendizagem dos visitantes, na medida em que o mediador dialogue com os interesses de cada grupo, transformando-se no elo entre o visitante e o museu, estimulando, questionando de forma a contribuir para o processo de aprendizagem de cada sujeito.

Diante das falas dos entrevistados, encontrei outra recorrência nas atividades desempenhadas pelos pedagogos: quase sempre giravam em torno do planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades realizadas, mesmo quando a reflexão se voltava para a relação do museu com a escola ou a formação dos mediadores. As atividades de planejar e avaliar são inerentes ao fazer pedagógico que se compromete com o aprendizado do educando. Assim, é característica da formação do pedagogo a preocupação com o ato de planejar e avaliar: quais são os objetivos do processo de ensino e aprendizagem? Aonde se quer chegar com determinada ação educativa? Os objetivos estão sendo alcançados com o desenvolvimento das ações educativas?

Para Luckesi (2011),

O planejamento define os resultados e os meios a serem atingidos; a execução (desenvolvimento) constrói os resultados; e a avaliação serve de instrumento de verificação dos resultados planejados que estão sendo obtidos, assim como para fundamentar as decisões que devem ser tomadas para que os resultados sejam construídos. (LUCKESI, 2011, p. 168).

Os entrevistados destacaram a importância da atividade de planejar para os setores educativos museais e a interferência que o pedagogo pode ter nesse processo. A fala do pedagogo 1 é emblemática para compreender essa importância.

Pedagogo 1: Eu acho que essa [o planejamento] é uma preocupação que o pedagogo contribui muito para fomentar nos museus. O que acontece tem que planejar antes, o durante o que está acontecendo, o desenvolvimento da atividade, como ela vai se dar, o que vai viabilizar que essa atividade, que ela ocorra bem... No planejamento, a gente já diagnostica os objetivos que nós vamos ter. O que a gente quer alcançar? O quê que a gente pretende com essa atividade? E aí, no final, a reflexão. Que aí é o momento de refletir sobre aquilo, de debater, de ver o que deu certo e o que não deu, o momento crítico de perceber, a sensibilidade de perceber... eu acho que nisso é importante: a sensibilidade de perceber, assim, o que deu certo e o que não deu, os caminhos, sabe, apontar caminhos... Que caminhos nós podemos seguir pra chegar...

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016). [grifos meus].

O planejamento educacional pressupõe um saber técnico contemplado pelo curso de Pedagogia. Os conhecimentos sobre “plano de aula” e “projeto político pedagógico” são algumas das ferramentas que o pedagogo pode recorrer para o planejamento nas instituições museais. O pedagogo 4 identificou a importância desse saber técnico.

Pedagogo 4: O saber técnico sobre algumas questões de educação, é... evitar alguns equívocos que na hora de construir um projeto a gente possa construir... cometer...

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Retomando a fala anterior do pedagogo 1, o ato de refletir sobre o processo educativo desenvolvido e ter “a sensibilidade de perceber o que deu certo e o que não deu” de forma a repensar os caminhos com o intuito de se alcançar os objetivos aponta para outro aspecto diretamente relacionado à prática pedagógica: a avaliação. O planejamento e o desenvolvimento das atividades não acontecem sem a ação de avaliar. Desta forma, “a avaliação propicia acompanhamento e reorientação do processo de construção dos resultados esperados.” (LUCKESI, 2011, p. 168). O pedagogo 4 também ressaltou a importância da avaliação:

Pedagogo 4: A visão da avaliação é muito importante para nós, para poder repensar a ação seguinte. Eu não consigo ir para um próximo evento repetindo, no mesmo ano, com uma questão de um mês ou dois, sem fazer uma avaliação concreta, sem estar respaldada. (...) A gente está na seção criando mecanismos de avaliação, onde o público avalia o museu.

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Esse tripé do fazer pedagógico – planejamento, desenvolvimento e avaliação – foi muito bem representado na fala do pedagogo 2 ao relatar uma

atividade desenvolvida por ele no seu espaço de trabalho. Ao diagnosticar que a instituição possuía uma proposta pedagógica, mas que os integrantes da equipe não se reconheciam nessa proposta, ou melhor, não tinham consciência da inserção do seu trabalho nessa proposta, o pedagogo entrevistado propôs uma semana formativa, que desdobrou em ações educativas para aprimoramento da própria equipe de trabalho. Ou seja, este pedagogo realizou uma avaliação diagnóstica que identificou problemas na integração da equipe, propôs uma ação educativa para resolver essa questão, e, ao final (na verdade, um recomeço) reorientou a proposta formativa dos integrantes da equipe, planejando ações para formação continuada da equipe.

Pedagogo 2: Eu diagnostiquei que havia uma coordenação de educação, (...) existe uma proposta pedagógica, mas não existe o pedagogo, então, não existe o fazer cotidiano da proposta pedagógica. (...) Então, você propõe para o professor uma trilha, tem todo um embasamento teórico, mas quem está trabalhando não reconhece na proposta pedagógica o seu fazer, então, primeiro diagnóstico foi esse, assim, eu preciso que todo mundo saiba da onde o outro fala e a gente tem muitos eventos, participa de muitos eventos onde todos trabalham e trabalha num ritmo (...) Então, é... eu diagnostiquei assim está faltando a gente se ver, ver o outro para trabalhar junto e um saber o que pode contar... como contar com o outro? E a coordenação em si saber como contar com todo mundo, ao que veio cada um? Então, você está aqui por quê? (...) Da semana pedagógica, eu te falei, teve os desdobramentos, as segundas estruturadas é um dos desdobramentos, o curso [curso de formação dos monitores] também.

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

3. A contribuição do curso de Pedagogia para a atuação em museus

O “fazer cotidiano da proposta pedagógica” (pedagogo 2) pressupõe alguns conhecimentos abordados pelo curso de Pedagogia. Luckesi (2011) enumera os conhecimentos necessários para o planejamento das ações educativas.

No caso do ensino-aprendizagem, o ato de planejar exige de nós um conhecimento seguro sobre o que desejamos fazer com a educação, quais são seus valores e seus significados (uma filosofia da educação); um conhecimento seguro sobre o educando, o que implica compreensão de sua inserção na

sociedade e a história (ciências histórico-sociais), assim como uma compreensão dos processos de formação do seu caráter (teoria da personalidade) e do processo de desenvolvimento (psicologia do desenvolvimento da aprendizagem); um conhecimento seguro dos conteúdos científicos com os quais trabalhamos (a ciência que ensina). (LUCKESI, 2011, p.182).

Nesta perspectiva, como o curso de Pedagogia pode contribuir para a atuação no museu? Os pedagogos por mim entrevistados e os entrevistados por Aquino (2009) e Quinteros (2012) relataram o desconhecimento a respeito das atividades a serem desenvolvidas pelos pedagogos nos espaços de educação não formal, a fala do pedagogo 4 exemplifica isso:

Pedagogo 4: O que aconteceu de fato é que eu não tinha a menor ideia do que eu ia fazer aqui [na instituição museal].

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Entretanto, quando questionados sobre as relações entre o curso de Pedagogia e as atividades desempenhadas, os entrevistados resgataram várias disciplinas e temáticas estudadas durante a graduação, algumas delas enumeradas por Luckesi (2011). No caso da atividade de planejar e avaliar, por exemplo, um dos entrevistados resgatou o estudo sobre planos de aula, em Didática. Curiosamente, esse entrevistado é o mesmo da fala anterior que relatou não ter ideia do que faria na instituição museal.

Pedagogo 4: quando a gente vai estudar na Pedagogia... eu me lembro que na época eu aprendi a fazer plano de aula. Como se constrói um objetivo, como você determina os objetivos imediatos, objetivos de médio prazo, de longo prazo. Para você poder saber o que você vai alcançar ao final de uma aula. Formular objetivos, quais são os verbos? Como escolher os verbos. É... avaliação, como você vai avaliar se realmente você atingiu o seu objetivo? Isso é muito claro para mim. Hoje, eu falo disso até com mais frequência do que nos últimos... nos anos anteriores em que eu fazia a própria creche. É muito claro isso, formulação de objetivo, justificativa, tudo que você faz para montar um plano de aula.

Fonte: Depoimento coletado durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Em relação às contribuições do curso de Pedagogia para a atuação no museu, a questão da atenção ao educando/visitante também foi uma constante nas falas dos entrevistados. Disciplinas como psicologia infantil, educação popular, educação e cultura ajudaram os entrevistados na tarefa de compreender quem é o educando/visitante e como promover o processo de ensino aprendizagem. Cabe destacar que as questões referentes à psicologia do desenvolvimento infantil apareceram nas falas de todos os entrevistados, seja com o nome da própria disciplina ou através de conceitos referentes a essa área do conhecimento, os conceitos mais citados pelos entrevistados foram desenvolvimento infantil e zona de desenvolvimento proximal. Alguns trechos das entrevistas demonstram como os pedagogos associavam conhecimentos do curso de Pedagogia ao seu fazer pedagógico no museu.

Pesquisadora: (...) você vê uma relação entre seu trabalho e o seu curso de Pedagogia?
Pedagogo 3: (...) É... no contato com as crianças, a maneira de você expor as ideias, de você conversar com elas para que elas entendam, compreendam o assunto, e o jeito que você se expressa, porque as pessoas que não tem o curso, que não estudaram, não sabem um pouco da psicologia infantil. (...) as maneiras de trabalhar as atividades. Você aprende isso na faculdade.

Pedagogo 4: (...) quando você faz um projeto, escreve um projeto específico pra atender do 6o ao 9o ano, você já começa a se perguntar...mas a gente vai falar de conteúdo escolar? Não, quem tem que fazer isso é a escola. O que eu preciso é ter uma leitura sobre o conteúdo da exposição traduzido para o conteúdo do 6o ao 9o ano. Então, nossa contribuição é essa. É fazer essa leitura de como abordar de forma assim que (...) Como apresentar o conteúdo que de forma não-escolarizada, não-conteudista, prazeroso...

Pedagogo 1: Educação popular, que você trabalha também, isso te ajuda a pensar que o outro tem um conhecimento que ele traz da vida dele que você tem que considerar isso, que você não pode descartar esse conhecimento e considerar que é um senso comum. Mas que você tem que valorizar que é um conhecimento de vida dele, que pra vida dele aquilo foi importante, ele vivenciou aquela situação. Ele traz essa bagagem quando ele entra aqui no museu, ele vem visitar esse espaço. Ele não é uma pessoa sem nada. Ele tem dentro dele uma bagagem cultural que foi desenvolvida nos ambientes que ele viveu, que ele experimentou na vida.

Fonte: Depoimentos coletados durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Além desse olhar atento ao público, os entrevistados mencionaram recursos didáticos para o aprendizado que foram vistos no curso de Pedagogia, como a questão da tecnologia aplicada ao ensino e as dinâmicas de grupo. Disciplinas como Filosofia, Sociologia e Antropologia também compõem os conhecimentos que os pedagogos entrevistados recorriam no momento da atuação, ressaltando que essas disciplinas ajudam a compreender o visitante.

A observação detalhada do relato dos pedagogos entrevistados me fez pensar nas atividades desenvolvidas e no curso de Pedagogia. Mesmo que os cursos de graduação em Pedagogia não apresentem em sua grade curricular disciplinas que tratem da atuação do pedagogo em espaços não escolares, nem especificamente da atuação no museu, no momento em que estão no espaço museal, realizando suas atividades de trabalho, os profissionais por mim entrevistados lançaram mão de vários conhecimentos apreendidos no curso – o desenvolvimento infantil, a questão da cultura, do planejamento etc.

Por outro lado, quando questionados sobre as principais dificuldades encontradas quando ingressaram em seus atuais espaços de trabalho, com frequência, os entrevistados mencionaram as dificuldades específicas com os diferentes tipos de acervo. A questão sobre educação em museus foi mencionada apenas por um dos entrevistados. Outra dificuldade relatada foi a falta de domínio de outros idiomas para a comunicação com o público estrangeiro.

Pedagogo 1: Quando eu comecei a trabalhar aqui, comecei a ver que realmente a minha formação foi importante para poder contribuir. Mas eu precisei estudar bastante em relação ao conteúdo do museu, mesmo. Então eu busquei muita literatura voltada..., mais voltada para o conteúdo do museu, como eu falei já. Então, eu peguei bibliografia de educação em museus, eu comecei a pegar bibliografia das salas de exposição, do roteiro.

Pedagogo 3: Eu acho que além do curso de pedagogo, para você atuar especificamente na área de museus você tem que conhecer bastante de história, você tem que conhecer bastante Letras, ter, por exemplo, um... domínio de uma outra língua (...).

Pedagogo 4: (...) o próprio conteúdo dentro do museu, apropriar dos conteúdos para fazer essa tradução. (...) Não tem na formação essa visão específica sobre esses espaços. Espaço museal, que tipos de museus existem? Quais os saberes que estão ali dentro, como utilizar isso pedagogicamente? Quanto que a Pedagogia pode se beneficiar, se utilizar daqueles espaços para complementar à educação?

Fonte: Depoimentos coletados durante pesquisa de campo sobre a atuação de pedagogos em espaços museais. (SOUZA, 2016).

Em suma, os pedagogos entrevistados para a realização desta pesquisa estavam presentes nas instituições museais e a inserção nesses espaços apresentou-se como uma casualidade da trajetória profissional. As atividades desempenhadas pelos pedagogos estavam vinculadas às ações dos setores educativos dos museus. Esses profissionais ocupavam-se do planejamento e da avaliação das ações educativas, atividades relacionadas ao perfil de formação em Pedagogia. Preocupavam-se com o aprendizado dos diferentes públicos, aspecto decorrente do novo papel social dos museus.

Considerações finais

Quando iniciei a pesquisa aqui relatada, eu não poderia vislumbrar o quanto o diálogo com os colegas pedagogos contribuiria para a minha própria auto-reflexão sobre a minha formação e campo de trabalho na área de Pedagogia. Assim, como os meus colegas entrevistados, eu tinha muitas dúvidas a respeito de como se delinear o trabalho do pedagogo em espaços não escolares. Em parte tais dúvidas são fruto da ausência (ou pouca presença) do diálogo nos nossos cursos de Pedagogia sobre a atuação em outros espaços educativos, mesmo que há muito tempo as Diretrizes Curriculares para o curso (resolução CNE/CP n. 1/2006) já abordem tal possibilidade.

Ao longo da graduação, ficamos submersos no mundo escolar que, hoje, representa a principal área de atuação profissional do Pedagogo. Não sem justificativa, há ainda tanto o que se avançar rumo a uma educação escolar de qualidade e para todos. Vamos sendo formados por profissionais de diversas áreas – psicólogos, historiadores, antropólogos, cientistas sociais etc., que compartilham conosco o anseio por pensar e fazer uma educação democrática.

Contudo, vamos encontrando pelo caminho formativo poucos pares que compartilhem conosco as dúvidas sobre a nossa futura profissão de pedagogo. O que nos caracteriza enquanto pedagogos?

Essa ausência de discussão sobre o que de fato é o campo da Pedagogia acaba gerando uma compreensão de nossa parte que não estamos capacitados a atuar em espaços não escolares, nem mesmo no museu. Lembro de um evento na área de Educação em museus, no qual fui apresentar os dados da minha pesquisa e discutir sobre as contribuições do pedagogo ao campo. Ao final do debate, uma coordenadora de setor educativo museal comentou que, após a minha fala, finalmente havia compreendido o papel do pedagogo na sua equipe. A falta de clareza das próprias pedagogas quanto a atuação nos museus fazia com que a coordenadora tivesse dúvidas sobre como integrá-las à equipe. O fato curioso desta história é que as pedagogas desta equipe haviam sido entrevistadas por mim e tinham contribuído para a minha sistematização do trabalho do pedagogo nos museus. Ainda assim, as incertezas e sensação de insuficiência da formação inicial para a atuação em espaços não escolares permaneciam permeando o trabalho e discurso delas.

O curioso é que quando estes e outros pedagogos foram questionados sobre a relação entre a formação inicial em Pedagogia e o trabalho desenvolvido por eles nos museus, todos responderam positivamente e enumeraram diversos conhecimentos do curso que contribuía para sua prática profissional. Entretanto, quando questionados sobre as dificuldades de atuação no museu, a maioria destacou os aspectos relacionados às especificidades do acervo museológico das instituições, enquanto os fatores pedagógicos específicos dos museus não emergiram como uma dificuldade, já que a formação inicial em Pedagogia contribuiu para qualificar o pedagogo a atuar nas instituições museais.

Há mais semelhanças nos processos educativos dos museus e das escolas do que se pode imaginar, porém cabe salientar que o trabalho do pedagogo nos museus apresenta especificidades em relação ao trabalho no espaço escolar. A tentação de transpor os nossos conhecimentos do campo

escolar para o espaço do museu é grande, afinal a escola é um espaço conhecido/estudado/debatido em nossa formação e prática profissional. Contudo, a tentativa de uma “escolarização dos museus” (LOPES, 1991) desconsidera que escola e museu são espaços distintos, com diferentes ritmos, instrumentos e públicos. Acredito que os pedagogos atuantes em museus devem pensar a sua prática profissional a fim de construir uma prática pedagógica museal própria favorecendo o museu como espaço de cultura, de leitura de mundo, de formação cidadã, revendo e questionando até mesmo o lugar que ocupa nestes espaços: por que sua ação está restrita aos setores educativos, por exemplo? A elaboração das exposições não seria uma construção educativa/pedagógica? Sei que este é um espaço de disputa, mas não seria este o nosso compromisso político-profissional? Acredito que os pedagogos que atuam em museus precisam pensar/debater a respeito de uma prática pedagógica museal específica que pensem o museu como espaço de cultura e não como espaço de ensinar cultura.

O pedagogo pode contribuir de maneira profícua para o trabalho educativo desenvolvido nos museus. Valendo-se da formação inicial, a atuação do pedagogo no museu pode subsidiar as discussões sobre processos de ensino e aprendizagem nas instituições museais e, desta forma, contribuir com a formação crítica dos visitantes. Finalizo o meu texto, lembrando que, assim como na escola, a atuação do pedagogo exige um compromisso ético-político com uma mudança social. As referências bibliográficas do presente texto podem contribuir para uma aproximação inicial com este campo de atuação, mas gostaria de destacar um texto sucinto que muito contribuiu para a minha reflexão sobre a educação em museus: A favor da desescolarização dos museus, de Maria Margaret Lopes (1991). Desejo que esta reflexão inicial contribua para despertar nos leitores, assim como me provocou, a necessidade de refletir sobre a especificidade da nossa atuação como pedagogos nos museus e a imprescindibilidade da construção de uma prática pedagógica museal.

Referências:

- AQUINO, Soraia Lourenço de. **O Pedagogo e seus espaços de atuação nas representações sociais de egressos do curso de Pedagogia**. Minas Gerais, 2011, 189p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa.
- CARVALHO, Cristina. Uma pedagogia da visita: “vou estalar os dedos quando for para sair”. In: Fundação Casa de Rui Barbosa. Encontro Nacional da REM/RJ, 1, Rio de Janeiro, 2010, **Anais...**, Rio de Janeiro, 2010, p. 57-82. (Mesa-redonda Mediação ou intervenção?).
- _____. O professor na visita a espaços museais: “tem hora que só atrapalha”. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, 2007, ano 7, n. 13/14, p. 76-82.
- CARVALHO, Maria Cristina Monteiro P. de. **Instantâneos da visita: a escola no Centro Cultural**. 198 f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005a.
- FREITAS, Riane Conceição Ferreira. **O Trabalho do pedagogo no Tribunal de Justiça do Pará: os desafios da inovação no exercício profissional**. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em Números/Instituto Brasileiro de Museus**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. v. 1, 240p.
- KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Analisando a dinâmica da relação museu - educação formal. **Cadernos do Museu da Vida**. O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2001-2002, p.16-25.
- LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. **Educação e Sociedade**. v. 40, p. 443-55, dez. 1991.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARANDINO, Martha. Interfaces na relação museu-escola. **Cad.Cat.Ens.Fís.**, v. 18, n.1, p.85-100, abr. 2001.
- NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. A relação museu e escola: um duplo olhar sobre a ação educativa em seis museus de Minas Gerais. **Ensino Em Re-Vista**, v.20, n.1, p.179-191, jan/jun. 2013.

QUINTEROS, Islane Morrone. **O pedagogo em instituições não-escolares no município de Corumbá, MS: seus espaços de trabalho e as necessidades da sociedade contemporânea**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2012.

ROLLEMBERG, Ana Tereza Vieira Machado. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2013, p. 37-46.

SOUZA, Renata do Nascimento de. **O pedagogo e os espaços não escolares: a atuação nos museus**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2016.